

Estratégias de desenvolvimento, mineração e desigualdades: cartografia social dos conflitos que atingem povos e comunidades tradicionais na Amazônia e no Cerrado

TERRITÓRIO QUILOMBOLA DE SANTA ROSA DOS PRETOS: CONFLITOS COM A DUPLICAÇÃO DA BR 135 EM ITAPECURU MIRIM - MA



BOLETIM
INFORMATIVO

14

COORDENAÇÃO GERAL

Patrícia Maria Portela Nunes – DCS/PPGCSPA-UEMA
 Cynthia de Carvalho Martins – DCS/PPGCSPA-UEMA
 Emmanuel de Almeida Farias Júnior – DCS/PPGCSPA-UEMA
 Alfredo Wagner Berno de Almeida – PPGCSPA-UEMA

Financiamento: Climate and Land Use Alliance - CLUA

COORDENAÇÃO DO PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DOS EFEITOS DE MEGAPROJETOS E POLÍTICAS GOVERNAMENTAIS DE INFRAESTRUTURA E INVESTIMENTOS NA AMAZÔNIA E NO NORTE DE MOÇAMBIQUE SOBRE POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS

Emmanuel de Almeida Farias Júnior – DCS/UEMA

Coordenação de Pesquisa deste boletim:

Emmanuel de Almeida Farias Júnior – DCS/UEMA

EQUIPE DE PESQUISA

Emmanuel de Almeida Farias Júnior - DCS-UEMA
 Tomas Paoliello Pacheco de Oliveira - PPGCSPA/UEMA
 Antônio José Araújo Cruz - PPGEU/UEMA/PNCESA
 Taiguara dos Santos Pereira - PPGCSPA/UEMA
 Tacilvan Silva Alves - DCS/UEMA
 Geonava Alves Rocha – Ciências Sociais-UEMA
 Nágila Patrícia Santos da Silva – Ciências Sociais/UEMA
 Célia Brenda Lima Fernandes - Ciências Sociais/UEMA
 Evayr da Silva Barros - Ciências Sociais/UEMA
 Joércio Pires da Silva - PPGCSPA/UEMA

TRANSCRIÇÃO

Geonava Alves Rocha – Ciências Sociais-UEMA
 Elayne Veloso – Geografia/ UEMA
 Antônio José Araújo Cruz - PPGEU/UEMA/PNCESA
 Célia Brenda Lima Fernandes - Ciências Sociais/UEMA
 Evayr da Silva Barros - Ciências Sociais/UEMA

GEORREFERENCIAMENTO

Joércio Pires da Silva - PPGCSPA/UEMA

CARTOGRAFIA E MAPA

Tomas Paoliello Pacheco de Oliveira- PPGCSPA/UEMA
 Antônio José Araújo Cruz - PPGEU/UEMA/PNCESA
 Taiguara dos Santos Pereira - PPGCSPA/UEMA

FOTOGRAFIAS E FILMAGENS

Joércio Pires da Silva - PPGCSPA/UEMA
 Antônio José Araújo Cruz - PPGEU/UEMA/PNCESA
 Célia Brenda Lima Fernandes - Ciências Sociais/UEMA
 Valéria Lourenço-IFC/Crateús

PNCESA

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

COORDENAÇÃO GERAL DO PNCESA

Alfredo Wagner Berno de Almeida (UEMA/UEA, CNPq)
 Cynthia de Carvalho Martins (PPGCSPA/UEMA)
 Rosa Acevedo Marin (UFPA/NAEA/PNCESA)

EDIÇÃO

Tacilvan Silva Alves - DCS/UEMA

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Silvia Regina dos S. Diniz Morais

LISTA DOS PARTICIPANTES NAS OFICINAS DE MAPAS NO QUILOMBO DE SANTA ROSA DOS PRETOS: 23 a 24 de março de 2019

PARTICIPANTES DAS OFICINAS:**Comunidade Santa****Rosa dos Pretos:**

Libânio Pires
 Anacleta Pires da Silva
 Ivonete Pires
 Raimundo Pereira
 Conceição M. Pereira
 Mayanne Pires Belfort
 Fabricya Pereira de Andrade
 Veillany Nathielly dos Santos Pires
 Josiclêa Pires da Silva
 Joércio Pires da Silva
 Josiane do Espírito Santo Pires da Silva
 Elias Pires Belfort
 Geovane Belfort
 Fabiana Pereira de Andrade
 Elenilton Ferreira Pires
 José Eleilson Ferreira Pires
 Cleiton Pires dos Santos

Comunidade Santa Joana:

Denis dos Anjos Pereira
 Evilson Gomes Pereira
 José Francisco Sousa Carvalho
 Sergilvan Santana Filho
 João Batista Sousa Pereira

Comunidade Mata**de São Benedito:**

Jaqueline de Sousa Piter

Edmara Sthefânia de Sousa

Ediane Oliveira Sousa

Edvania das Dores Oliveira Sousa

Curso de GPS: Santa

Rosa dos Pretos- Itapecuru
 Mirim – MA - 24 a 25
 de março de 2019

Comunidade Santa**Rosa dos Pretos:**

Thalysen Pires Belfort
 Joércio Pires da Silva
 Josiclêa Pires da Silva
 Geisa Beatriz Pires Ribeiro
 Fabiana Pereira de Andrade
 João Emanuel Fonseca
 Veillany Nathielle dos Santos Pires
 Antonio Maciel Martins Pires

Comunidade Mata**de São Benedito:**

Edvania das Dores Oliveira de Sousa
 Ediane Oliveira de Sousa
 Edmara Sthefânia de Sousa Piter
 Naila de Sousa Piter

Comunidade Santa**Maria dos Pinheiros:**

Cleiton de Jesus Silva

FICHA CATALOGRÁFICA

B688

Boletim Informativo Nova Cartografia Social da Amazônia –Território quilombola de Santa Rosa dos Pretos: conflitos com a duplicação da BR 135 em Itapecuru Mirim - MA. N. 14 (abr. 2020) / Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia. – São Luís: EDUEMA / PPGCSPA, 2020.

16p.:il.
 Irregular

Coordenação geral da pesquisa: Patrícia Maria Portela Nunes, Cynthia de Carvalho Martins, Emmanuel de Almeida Farias Júnior, Alfredo Wagner Berno de Almeida. Coordenação da pesquisa deste boletim: Emmanuel de Almeida Farias Júnior.

ISSN: 2675-2263

1. Cartografia Social. 2. Conflitos sociais. 3. Território quilombola. 4. Duplicação da BR-135. 5. Maranhão. I Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia.

CDU: 316.48:711.167(812.1)

TERRITÓRIO QUILOMBOLA DE SANTA ROSA DOS PRETOS

O barão, ele não tem história, o barão tem judiação. (Libânio Pires, 2019)

A gente veio pra cá, meus antepassados, meus avós. Meu pai veio, mas de qualquer maneira eu ainda não tinha nascido, num sabe? Ele nasceu aqui, meu pai e minha mãe nasceram aqui. Agora, o barão, ele não tem história, o barão tem judiação, maltratava os pretos, esse tem história do barão. O barão, não era ele próprio que judiava, mas ele tinha o feitor dele que mandava fazer as injustiças no próprio negro, num é isso? É, então a gente... a história é muito longa pra chegar até o final dela, lá um pouco, mas nós fomos usados, os nossos antepassados foram usados, eles puxavam até engenho pra moer cana, trabalhavam muito pro barão, foi uma vida muito dura. Ainda ouvia dizer, ouvia dizer não, ainda usavam as próprias mulheres dos negros pra vigiar roça de noite, latia que nem cachorro pra mode não comer a mandioca. O que é o barão? Aí subia, na Boa Vista nas costa, ainda outra. A história que eu ouvia também falar que quando tinha um charque d'água ele mandava que os pretos se deitasse e atravessava por cima que nem ponte, isso aí era muito duro, não importa isso agora..., só quando eu entendi a situação e as histórias, não conheci o barão. Agora a gente veio pra cá, é como eu tô dizendo, foi como uma pessoa que sabia, até o próprio engenho daqui que tinha era os pretos que faziam, faziam o engenho pra moer a cana, fazer a lavoura de fumo, eles que tinham que fazer o fumo, de qualquer maneira é desse jeito, o café eles que tinham que dar o café bem torrado pro barão e assim sucessivamente, era vida dura do barão.

(Libânio Pires, 2019)

Santa Rosa, ele é um território bem conhecido assim muito por conta da historicidade e de suas festividades, e suas manifestações culturais, então aqui a gente tem várias manifestações. Temos o tambor de crioula, o tambor de crioula muito... vivo assim, temos a dança do coco, o terecô de caixa com as caixeiras do divino, a festa do divino Espírito Santo, tambor de promessa, bumba boi zabumba, então é uma comunidade muito rica assim nessas festividades. É... tem o festejo do divino aqui que tem praticamente tem mais de 250 anos, que ele remete ao tempo mesmo das pessoas escravizadas, que foram escravizadas, que veio se mantendo a tradição nesse festejo. Então eu trabalho um pouco dentro do processo de educação, eu trabalho um pouco com o tambor de crioula, esse tambor de crioula e seus distintos significados.

(Joércio Pires da Silva, 2019)



Tambor de promessa para São Benedito, comunidade de Santa Rosa dos Pretos. Fonte: Joércio Pires da Silva, 2019

Então a gente tem esse tambor de promessa, que ele foge muito assim das músicas. Os versos daquele tambor que se faz numa manifestação cultural, ou numa brincadeira, que antigamente aqui dentro do território ou dentro do quilombo, mais especificamente, se tinha muito isso que o tambor é um processo de comunicação. Onde eles brincavam, eles vinham da roça, eles que eu digo nós moradores mais antigo, naquela época, eles vinham da roça, da lavoura, da produção, dos trabalhos, então se juntavam ali na boca da noite, seis horas da tarde, tudo naquele processo e começavam a conversar, prosear e ali começava uma roda de tambor. As mulheres iam dançar e aquilo era um processo de divertimento, de diversão que ali se tinha. Então esse tambor de promessa, ele aparece quando você tá passando por alguma

dificuldade, seja financeira, seja de saúde, então você pede pro santo e quando você tem essa graça alcançada você vai pagar a promessa, e tem todo um processo desse tambor de promessa, tem todo um processo ritual. No processo de buscar o santo, de tirar a joia, dar salva, de ter que ter a reza e uma série de outros elementos que compõem esse tambor de promessa, a morte do boi, morte do porco, no tambor de crioula geralmente é porco, pra dar comida pra toda aquela gente que vem fazer a promessa, porque a promessa não é paga só por quem fez a promessa, é paga por toda a comunidade que vem ajudar a cozinhar, a conversar, a rezar, a tocar, a dançar, então é todo um processo de interação do território, das pessoas, é isso.

(Joércio Pires da Silva, 2019)

Eu acho que quando Anacleto fala a respeito do território, eu acho que se outro puxar assunto a conversa sai a mesminha, porque o que assola a Santa Rosa, assola Santa Maria dos Pinheiros, assola Santa Maria dos Pretos, assola Monge Belo e sucessivamente. Digo isso porque quando nós fundamos o sindicato dos trabalhadores rurais de Itapecuru e na hora que a gente puxava o assunto, eu, delegado aqui da comunidade, e a gente ia ouvir os outros 29 ou 30 delegados e a história era a mesminha. Eu acho que a história assola todos nós, tanto o povo do Maranhão, porque não até do Brasil, a história é uma só mas é muito bom cada qual no seu tema para ver se confronta com o de Anacleto e os professores pode acatar melhor as propostas.

(Benedito Belfort, 2019)

Tem situações que a gente tem que conversar o necessário no grupo menor, porque hoje a gente tem ele como uma liderança, a gente conversando com ele, com Martinho, um momento e vocês fica a família de vocês aqui, é esse momento que vocês estão recebendo a área então não precisa levar para o grupo ou não manda a justiça fazer o que manda a legislação. Não preciso ir lá para frente do INCRA tirar fulano, beltrano ou ciclano não, precisa isso, só tu diz a ele faz o que a legislação manda, a terra é nossa, vai ficar com nós, quem não sai daqui só se vira.

(Elias Pires Belfort, 201)

Eles doaram ela pra sete famílias, a doação foi pra sete famílias, agora escravo não era só sete, porque considerava sete famílias porque tinha mulher, num sabe? E aqueles que não tinham mulher eram escravos, mas não tinham mulher não considerava como família, então essa doação veio pra essas sete famílias. Essas sete famílias eram Antônia mais Vencelau, a Amância mais o marido dela, a Judite mais o marido dela, Olivia Pires (mãe solteira), Olimpio e sua mulher, Filete e sua mulher, e Felipe mais a mulher dele e esse Felipe ainda foi até expulso daqui porque ele queria a véia Isabel e o Barão não aceitou, porque ele também queria ter um caso com ela, e expulsou ele de Santa Rosa. Depois que ele morreu o Felipe voltou, o Firmo, que era o feitor e um dos mais velhos, que era o compadre Geraldin, essas eram as sete famílias. E agora, hoje, dessas sete famílias eu tô vendo eles dizendo que nós somos aqui umas setecentas famílias, o povoado são tudo um povoado grande e estamos aqui localizados dentro das terras, mas as terras não estão todas na mão da gente, estamos aqui numas 2.178 hectares por palavra, mas ela tá irregular ainda.

(Libânio Pires, 2019)



Festa do Divino Espírito Santo na comunidade quilombola de Santa Rosa dos Pretos. Foto: Joécio Pires da Silva, 2019

Tem sim. O festejo de Nossa Senhora é em dezembro, dia 8 de dezembro, Nossa Senhora da Conceição. De Santo Antônio, que são três festejos que eu conhecia aqui, Santo Antônio é no mês de junho, é o festejo de Santo Antônio. E o de Divino Espírito Santo nós festejamos ele em novembro, dia 16, esse ano vai ser no dia 16 de novembro, e no dia 6 de janeiro. Em novembro nós temos a levantação dos Mastros, nós temos o terecô de noite, o batedor de caixa e quando é de manhã tem a mesa das caxeiras, tem a morte do boi, aí parte pra lá vai jogar bola e quando é de noite tem a festa. E em janeiro é diferente, em janeiro no dia 5 ou dia 4, conforme ser, então tem a missa, aí depois da missa tem as partidas de futebol, de tarde começa o vesperal e então encerra, encerra no dia 7 de janeiro, encerra o festejo do Divino Espírito Santo. Agora o tambor de crioula é uma promessa, um voto, como eu já falei. O bumba boi quando era de zabumba era mais... hoje nós temos dois modelos, tem a orquestra e tem a zabumba.

(Libânio Pires, 2019)

O território foi dividido em determinada época em sete quinhões então vivemos hoje em um denominado quinto quinhões, um quinhão dessa parte dessa terra, um território de 9 mil e tantos hectares a gente vive em dois mil hectares, essa outra parte da terra tá toda na mão de fazendeiros, do Governo e de empresas, então isso dificultou muito a existência no território, as formas de vida que se tinha, a roça no toco, a plantação de arroz, milho, do feijão, tudo se tinha, meu avô costuma dizer que a natureza lhe dava seu alimento, então quando entra esses empreendimentos vem devastando tudo, a mata que se tinha, primeiro, se perde a mata, depois se perde os igarapés, as nascentes de água e isso hoje a gente sofre o reflexo de toda essa mazela que foi colocada dentro dos territórios. A ferrovia Carajás passa no igarapé que se chama Igarapé Grande que era a junção de dois igarapés, o principal no território que era a Simauma e o Pacovã que era aonde os moradores tiravam o pescado, então praticamente mata, se faz uma barreira de concreto dentro do igarapé e praticamente se mata o igarapé, então os peixes não tiveram mais como vir dos campos naturais pras cabeceiras da igarapé onde a população pescava.

(Joécio Pires da Silva, 2019)

A partir dessa história dessa ferrovia a gente queria ter umas discussões, conhecimento de mais informação, a gente passando por um processo de um curso de formação pelo artigo 19 só que a gente tava pensando que nada ia a coisa diante, da formação serviu também para gente acessar junto com os companheiros essa informação dessa BR e o pacote estava feito desde 2011, só que em 2014 nós já tinha também uma questão com eles que também despertou um pouco a gente a ficar um pouco alerta e tem aqui um projeto de umas casas e em 2014 eles suspenderam as construções de 50 casas, então tem casa que não levantaram nem a alvenaria, não fizeram nenhum baldame, aí que a barba doeu, né? O cara é inimigo mesmo e quando eles explodem mais com essa outra bomba e já com a máquina dentro do território e a gente, porque em momento nenhum quando a gente sentava com eles pra na questão da suspensão das casas, nada gente sentia que essa duplicação, porque às vezes dava pra soltar alguma coisa mas eles alegaram que tava dentro, nós invadimos o limite deles mas nunca dizia que ia duplicar nada.

(Anacleto Pires da Silva, 2019)

Essa estrada trouxe foi sofrimento para mim desde quando eu me entendi por gente.

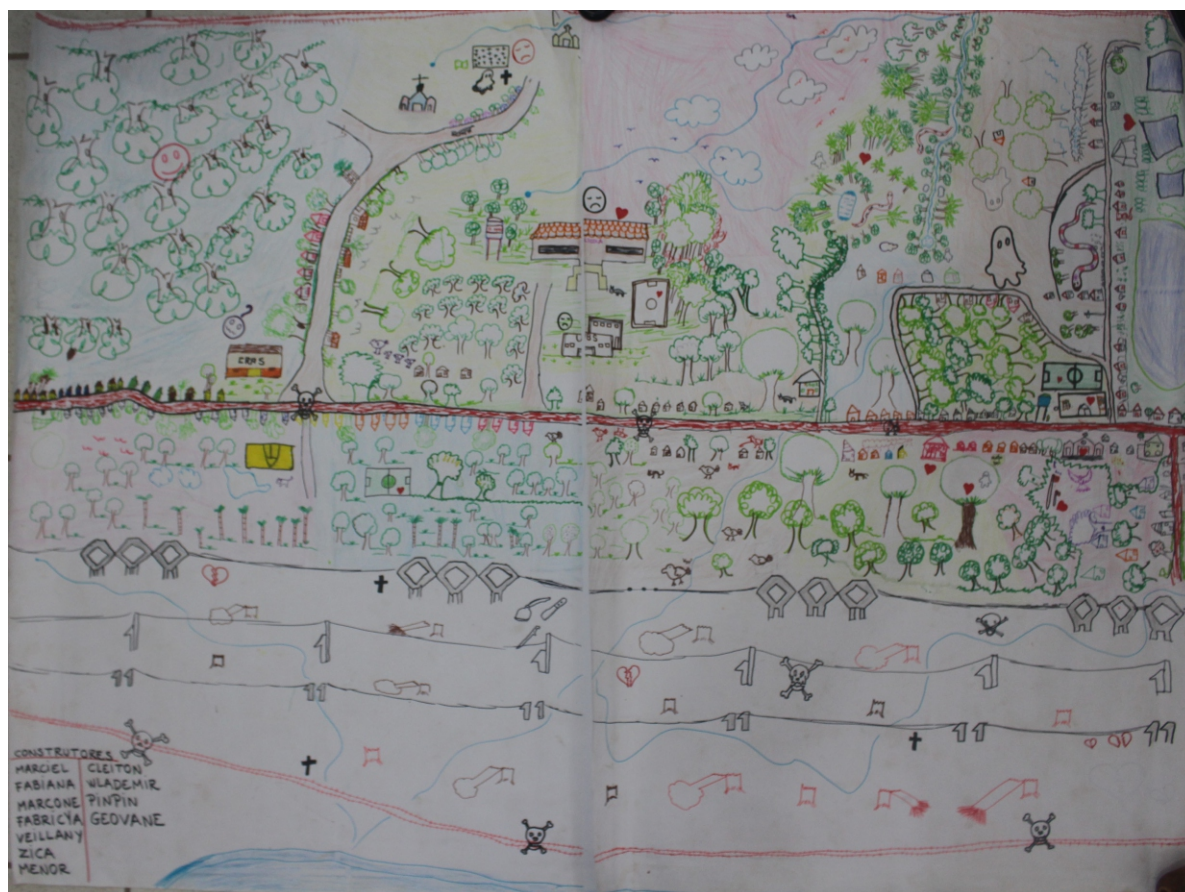
(Raimundo Enedino Pereira, 2019)

Eu vejo o seguinte: eu lembro da minha avó ainda dizendo que vinha era muito rastro, muito rasteiro, é... trilha com pouco rastro que a gente tá vendo, porque quando ele puxa a estrada a gente se lembra dos nossos antepassados que tinha tempo pra sentar com a gente pra dizer o que nós ia passar. Minha avó dizia: "quem chegar em 2000, atravessar 2000 vai atravessar 2000 e de lá pra frente é só choro" porque a necessidade de beleza não vai acontecer mais, e tamo vendo aí. Quando se fala em tubarão o primeiro que veio de lá pra cá foi as estradas mesmos, devorando tudo, levando tudo.

(João Batista Sousa Pereira, 2019)

Identificar o que nós conseguimos identificar no nosso território pra formar esse mapa. os garapés, essas linhas aqui azuis, uma ferrovia Transnordestina, mais outra, mais a Carajás, a BR-135 que tá cortando nosso território, o linhão, três aqui da Eletronorte, dois linhões da Cemar. E aí nós temos também igrejas, imagem, fazendas, árvores centenárias, pessoas quem ainda passa, jardineira que é pra fazer os banhos de limpeza, peixes, cachorro, gato, coruja, cobra, escola, alguns açudes, lugares sagrados, como por exemplo a Matinha, Piquizeiro, Casa de Engenho, as roças, também aqui essas coisas nojentas, as cruzes por onde a gente anda, as ferrovias, as rodovia, também tem os linhões que já matou alguém, a caixa do divino Espírito Santo, a coroa, capim limão, cidreira, porco, gato, tem as casas, também o campo de futebol, cemitério, poços, por exemplo tem um poço que era sumidouro do nossos antepassados que agora tá entupido mas que tá como referência, ainda pode se encontrar o local.

(Anacleta Pires da Silva, 2019)



Croqui do território quilombo Santa Rosa dos Pretos desenhado pelas crianças da comunidade quilombola Santa Rosa dos Pretos. Foto: Equipe de pesquisa, 2019.

Foram bolas de arame que começaram a cercar o nosso território.

(Anacleta Pires da Silva, 2019)

Eu acredito que o pensamento a partir da prática, da vivência aqui do território Santa Rosa dos Pretos, falo eu Anacleta, ele é um sonho que a gente talvez não compreendia muito bem, mas a gente vê a prática dos nossos Anciões, eles já faziam mapeamento do nosso território a partir da prática, como eu já disse e hoje nós se deparamos com essa situação aqui e queremos realizar esse sonho por meio da escrita, o tanto que eu quero dizer é: a nossa história existe, o reconhecimento também e faltava esse dia esse momento.

(Anacleta Pires da Silva, 2019)

Acredito que a gente só tem a ganhar fazendo esse mapa, porque a gente também conhece, e que os mapas que se trata pelo IBGE nunca nos pontua em nada, por exemplo, uma grande dificuldade que a gente tem aqui, do nosso entendimento, que faz parte do nosso mapa é a questão de quem somos e onde estamos, o mapa do IBGE não nos mostra, nunca nos mostrou, nunca nos serviu, a gente tem uma grande dificuldade de sermos vistos pelo IBGE, porque a gente entende que o IBGE nunca vai nos mostrar. A partir de nós que realmente vai ser feito esse trabalho onde pode surgir um efeito para nós. Um exemplo do que eu quero falar, nós temos uma comunidade que é do imaginário, a partir da convivência, e a gente fica só imaginando, eu falo de pessoas, o imaginário é natural não imaginaria de pensar, falo do imaginário concreto porque muitas pessoas aqui da comunidade sabem onde são os locais sagrados, onde é a nossa delimitação territorial, eles sabem onde tem uma palmeira, o igarapé.

(Anacleta Pires da Silva, 2019)

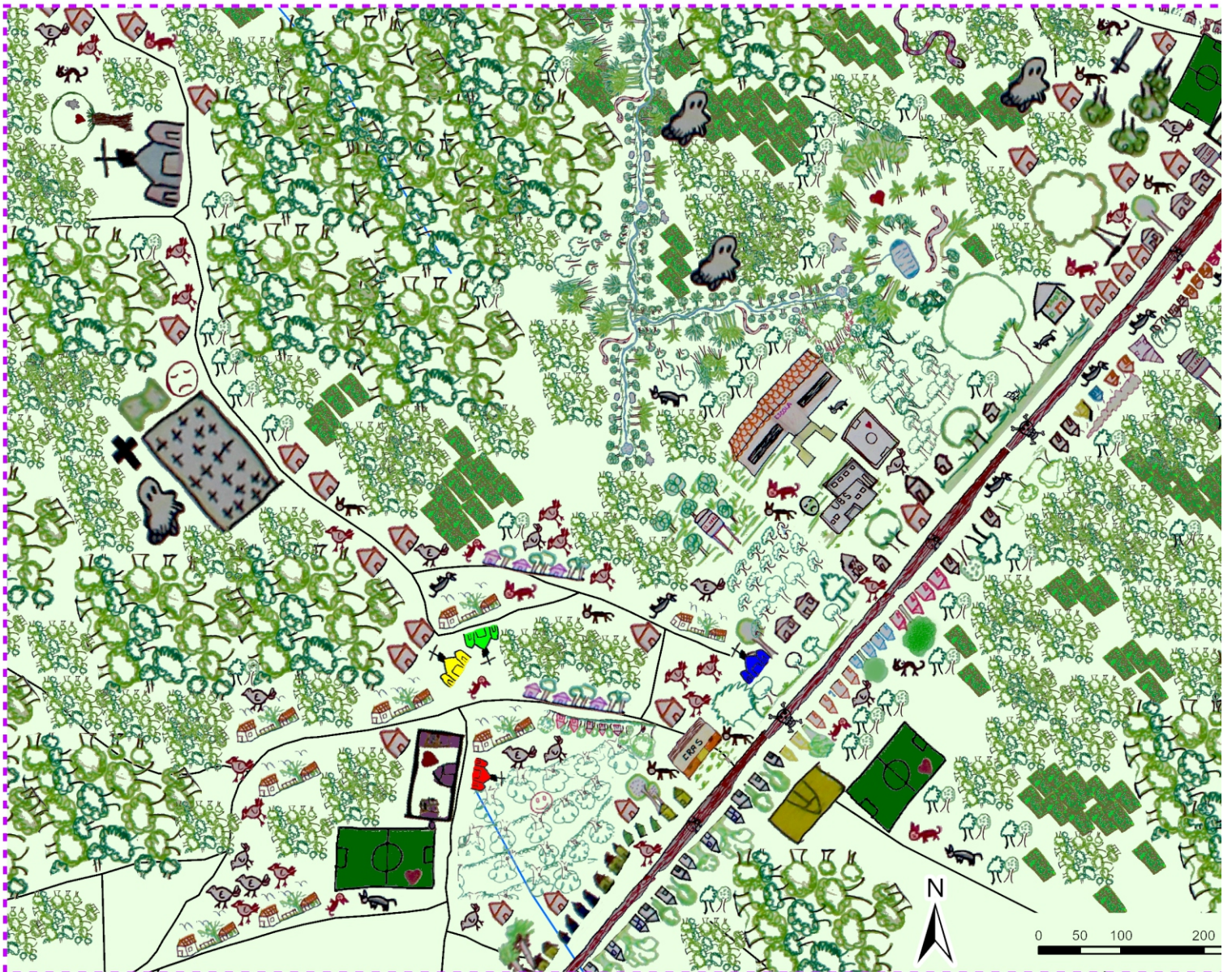
Nossa legitimação começa de nós em colocar este mapa de forma teórica, de forma bem transparente, para que as pessoas possam compreender as linguagens, por que o IBGE usa umas técnicas de linguagem que não serve para nós e que não sabemos fazer a leitura, é muito difícil, tem uma outra linguagem.

(Anacleta Pires da Silva, 2019)

Nós quilombolas do quilombo Santa Rosa dos Pretos, sempre em processo de busca do conhecimento territorial, fazendo busca cartoriais e em arquivos públicos, tivemos acesso a um documento que consta que antes da família Belfort, na pessoa de Lourenço Luzitano de Castro Belfort, Joaquim Raimundo Nunes Belfort e Joaquim Raymundo Nunes Belfort Junior, quem era dono do território era um senhor por nome de Roberto Achilles Frebourg.

(Anacleta Pires da Silva, 2020)

Comunidade Quilombola de Santa Ro



Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

*Estratégias de Desenvolvimento, Mineração e Desigualdades:
Cartografia Social dos Conflitos que atingem
povos e comunidades tradicionais na Amazônia e no Cerrado*

Associação dos Produtores Rurais Quilombolas de Santa Rosa dos Pretos - Itapecuru Mirim/MA
+
Laboratório Nova Cartografia Social /
Programa de Pós Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia - PPGCSPA /
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Equipe de Pesquisa:

Emmanuel de Almeida Farias Júnior, Tacilvan Silva Alves, Tomas Paoliello Pacheco de Oliveira,
Antônio José Araújo Cruz e Joércio Pires da Silva.

Cartografia e Geoprocessamento:

Tomas Paoliello Pacheco de Oliveira, Antônio José Araújo Cruz, Taiguara dos Santos Pereira e Edelson Leitão Maciel.

Fontes:

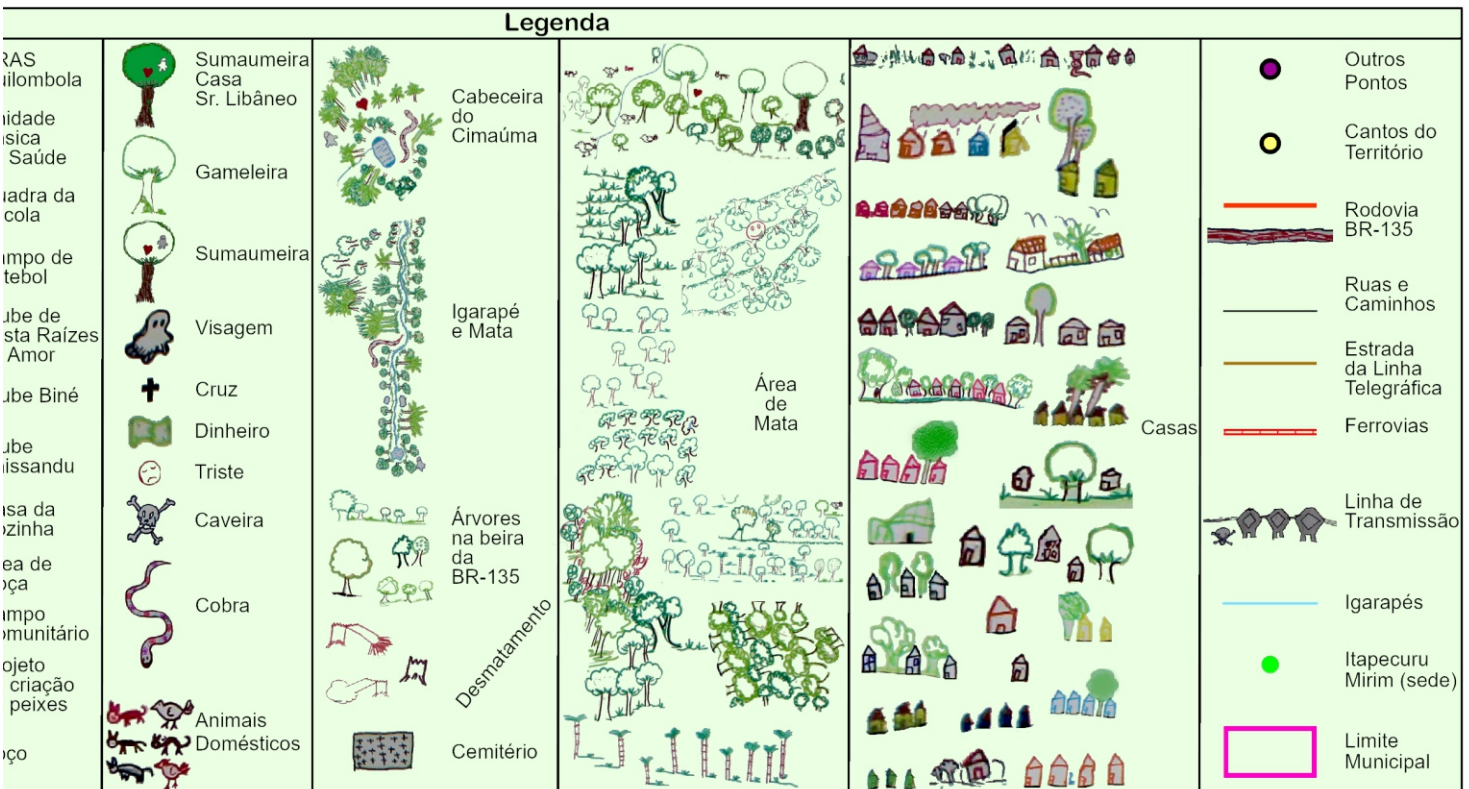
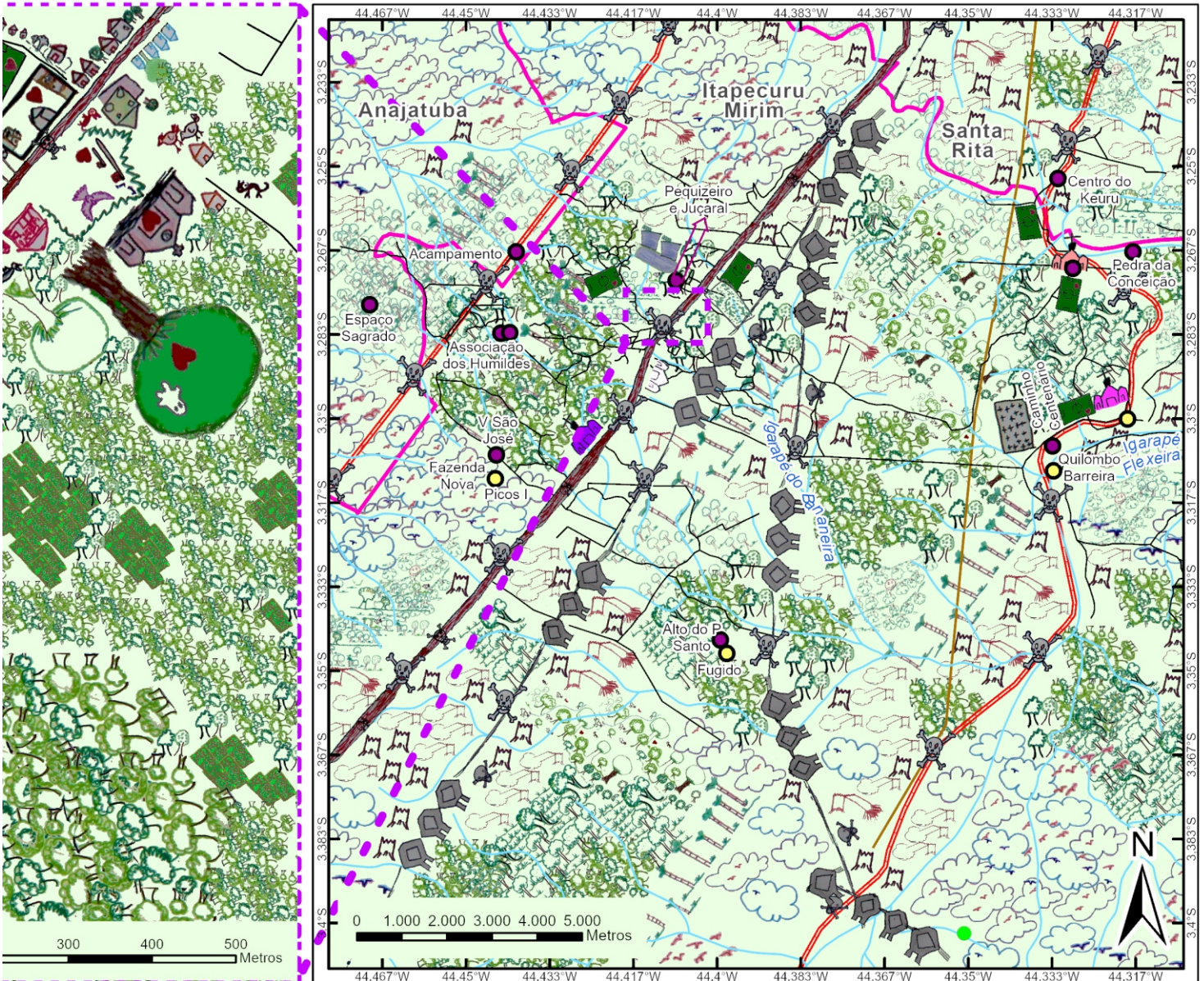
Croquis elaborados pela Comunidade Quilombola de Santa Rosa dos Pretos (Itapecuru Mirim/MA), IBGE, INCRA.
Coleta de pontos GPS por membros da Comunidade Quilombola de Santa Rosa dos Pretos.

Escalas:

Mapa Território 1:130.000 - Mapa comunidade 1:7.000
Sistema de Coordenadas Geográficas / WGS 1984

	Escola Quilombola		CF
	Igreja e Terreiro do Divino Espírito Santo		UR
	Igreja de Santo Antonio		Bá
	Igreja Divino		de
	Igreja Nossa Senhora da Conceição		QU
	Igreja Divino (sr. Benedito)		Es
	Igreja Santana		Ca
	Igreja Boa Vista		Fu
	Igreja São Raimundo		Cit
	Igreja Batista		Fe
	Tenda Nossa Senhora dos Navegantes e Pequizeiro		do
	Casa de Forno		Cit
			Pa
			Ca
			Cc
			Ar
			Rc
			Ca
			Cc
			Pr
			de
			de
			Pc

sa dos Pretos - Itapecuru Mirim/MA



Contudo, este mapa vai servir como ponto de partida para todos os reconhecimentos de pertencimento e respeito territorial, principalmente ao se tratar da regularização fundiária, tendo em vista que não tínhamos a necessidade de passar por este momento de mazelas, sabendo que tudo é resultado da modificação do testamento do dito Barão, operado por Urbano em 1952, onde o mesmo deserdou os seus próprios irmãos e irmãs, a saber: Paulino, Raimundo, Manezinho, Pituca, Madalena, Daniel, Vitor, Izidora e Gertrudes. Vale ressaltar que depois desse episódio, ele (Urbano), passou a ter o quinto quinhão que só foi registrado em 1995.

(Anacleta Pires da Silva, 2020)

Na Santa Rosa dos Pretos, é muita coisa de 30 anos para cá, eu vou passar uns 10 anos falando diante desse mapa. Como eu já disse, nós temos muita coisa a pontuar, temos nossos espaços sagrados, temos mazelas, os arames que tem aí, tanto de fazendeiro, que nós queremos constar no mapa, tanto como de pessoas que tiveram uma outra vivência fora do espaço, como na década de 80 que houve um conflito que não é diferente dos outros Quilombos.

(Anacleta Pires da Silva, 2019)



Quilombolas de Santa Rosa dos Pretos desenhando o croqui do território durante a oficina de mapas. Foto: equipe de pesquisa, 2019

Pegar um GPS, demarcar e fazer o nosso próprio mapa. Quando surge a proposta de oficina a gente viu uma forma de unir o útil ao agradável, algo que a gente já necessitava e veio de um longo processo de discussão até que a gente conseguiu trazer sua oficina para cá. Massa disso tudo é que mamãe convida João Batista da comunidade Santa Joana, o pessoal da Mata,

Santa Maria dos Pinheiros também e entender que quando se trata do território negro não se trata do território negro Santa Rosa dos Pretos ou o território negro Santa Maria dos Pinheiros, se trata do território negro Itapecuru, Maranhão e do Brasil, é que é o que fala vó Libânio.

(Joércio Pires da Silva, 2019)

Eu quero complementar com o seguinte, a estrada, naquele tempo lá que nós andava nos caminhos de mato com nossos cavalos para buscar carga, meu cavalo leva as cargas e hoje não, meu cavalo não pode mais levar a carga em Itapecuru, em Queurru, ele não leva mais em boa vista, por que? Porque nós temos transporte de quatro pneus que descarga e é ele quem vai levar, por exemplo, se eu moro lá no Tingidor, eu tô isolado, eu vou clamar por uma estrada. O governo vai ter que fazer a minha estrada. Eu disse para Raimundinho, uma época quando eles não tinha estrada ali para Monge Belo, ele lutando, brigando por estrada na gestão de Júnior Marreca, se não me falha a memória, eu disse Raimundinho se você subesse o que é estrada tu não pedia, tu ficaria lá no Monge Belo trazendo as cargas no cavalo, no momento da bicicleta motocicleta tu trazer para a beira da estrada, mas ele disse não Benedito já pensou o que é adoecer uma pessoa lá no Monge Belo e eu botar a pessoa na Rede, marrar os punhos delas num pau e outro, aí botaram um na frente e outra atrás para puxar uma pessoa doente, na realidade a gente da razão agora que onde ela vai com o seu diz onde ela vai leva necessidade e ela vai levando a miséria no país e a gente não observa isso, não pensa isso certo, mas de qualquer maneira de se condenar ela que é estrada, pois é.

(Benedito Belfort, 2019)

Quem trouxe toda a Perseguição disto foi essa estrada e quanto mais ela cresce mais doença ela vem trazendo.

(Libânio Pires, 2019)

Porque aqui nós temos doze igarapés que vem até mais aqui e outros que iniciam e vão até mais o outro lado. Uns que nasce aqui e outros que vem de outro lugar. Nasci em outro, então eu acho que isso também é uma forma da gente está compreendendo o processo da água com muita responsabilidade, porque, por exemplo, isso também acho que desperta a gente mais para entender melhor e fazer o mapa pensando na territorialidade, exemplo o igarapé Simaúma que muita gente conhece. Nós que somo daqui da comunidade, com esse igarapé Simaúma, ele nasce aqui atrás e vai até o campo, não é? Por exemplo, olha como a gente extrai

essas coisas e vai puxando mais coisas e vamos pensar essa duplicação bem aqui vem e termina de acabar com esse igarapé, como a Vale já matou a metade, a Santa Rosa que tá com um tempo de nascimento de Igarapé não se preocupou, mas também o Monge Belo não se preocupou e o igarapé nasceu aqui mas passava no território Monge Belo. O mal que nós causamos aqui vamos pensar assim, se nós causar um mal aqui no igarapé Simaúma nós vamos tá fazendo mal só pra nós? vamos também para fazer para Monge Belo e e outros.

(Anacleto Pires da Silva, 2019)

Aqui tem muitos igarapés. Aqui nós pescava no Fugido, pescava na Bananeira, pescava na Fazenda Nova, aqui no Simaúma, Pacová, Tingidor e assim sucessivamente... em Pedrado, em todo igarapé a gente pescava. (...) Os poções que a gente tinha naquela época com certas coisas que ta aconteceu, com o desmatamento, com esse bando de fazenda, aterrou os igarapés, aterrou o igarapé, então o igarapé quando é... agora á tudo bem porque ta chovendo e tudo que a chuva devia aliviar, com dois ou três meses tá tudo seco, seco porque não tem poção pra a água ficar acumulada.

(Libânio Pires, 2019)

Bora ver porque isso aconteceu? Quem é o culpado disso? Quem foi que trouxe isso pra cá? Vamos lá? É em 1945, até 1945 se tinha água em abundância, tinha a mata com fartura, tinha carne, gente brigando por causa de lugar, tinha curral de jabuti cheio, chiqueiro de nambu, viado era solto no mato, corria pra cima e pra baixo, 1945. 1945 vem a primeira confusão trazida aqui para os territórios, mesmo aqui para o Maranhão vamos dizer assim, para nosso estado, que é o pico dessa estrada, dessa maldita estrada, que hoje tão falando de cabar de tirar a gente daqui, de nosso sossego. A duplicação dela, esse pico dessa estrada, 1945 ela vinha cortando todos esses brotió aqui, talvez ia passando pelo povoado do outeiro, por aí assim. (...) antes dessa estrada nós tinha água, tinha tudo em abundância, que nem eu disse aqui agora nas minhas falas e nós aqui ninguém tinha necessidade de Miséria do governo, mas depois dessa estrada, isto aí, repara para onde essa estrada tá, toda bloqueada, o nosso país de tanta Estrada e cada estrada que se abre é uma necessidade que chega, você falar no burajir, o burajir onde é o São Raimundo lá não tinha nem caminho também, o caminho que tinha lá a gente andava era arregaçado no inverno por causa de muitas águas que tinha naquele caminho, e hoje aonde está Zé Raimundo? Debaixo de Arame. Por que debaixo de arame? É questão da gente? Por que é? Porque tem estrada para ir para lá, porque se não tivesse estrada, quem ia comprar lá?

(Libânio Pires, 2019)

Tudo é mazela, é uma suplemento da outra, é o bolo podre da estrada, linhão, é ferrovia. Essas coisas são tudo mazela e tá tumultuado no chão de Santa Rosa.

(Anacleto Pires da Silva, 2019)



Libânio Pires. Foto: equipe de pesquisa, 2019

Vamos pensar um pouco nessa duplicação. Duas vias. Hoje você chega na beira da estrada só com uma via e olha, olha, olha e dá vontade de você voltar para casa e o problema dessas crianças, que essas estradas tá trazendo. Hoje quantos paneiros de arroz você tem na sua casa, Nanô? – Siô, eu não tenho nenhum- Mas tu já teve foi muito paneiro de arroz, não já?- Já-. Então, isso foi coisa, um efeito que ainda permanece trazendo a danificação que está tendo principalmente.

(Libânio Pires, 2019)

80 por cento da produção que se tinha, se perdeu. Se reclama muito hoje “ah os jovens não querem mais fazer roça, não querem mais trabalhar”, mas não tem mais onde fazer, não tem mais onde trabalhar. E se estocava arroz nos 'paióis', se fazia uma casinha atrás de casa, da sua casa, e se estocava arroz, de ano a ano e no outro ano você tinha que distribuir arroz pra botar a produção do ano que se tava.

(Joércio Pires da Silva, 2019)

Meu irmão a estrada não dá para passar aí não, meu irmão isso aqui papai fala que a gente vai atravessar, o problema é que eu estou conversando com os companheiros, não é uma casa que está em nós, é o que está em nós. Papai mora do outro lado agora, ele não consegue mais nem atravessar, porque já não está enxergando tanto e nós que ainda estamos enxergando pela metade cansa na perna. Tem hora que que a gente quer ir lá do outro lado mas não vai, porque fica já tá com as pernas doendo e fica esperando os carros para a gente atravessar então assim, eu vejo que hoje a gente tá vivendo esse momento mas de acendio por parte dessa mazela dessa estrada, é tudo isso aqui, papai fala, é um renovado. Quando eu faço essa ligação estrada, ferrovia e linhões, é renovada mais uma estrada, mais trem e mais trilho, é mais forte, é mais frio. E o que que é isso para nós? Mazela, doença, destruição, estresse.

(Anacleto Pires da Silva, 2019)

Eu me lembro de como ela chegou aqui, como ela passou. Agora, ela chegou aqui enganando, dizendo que eles queriam um pedacinho de estrada pra fazerem uma estrada que ia trazer muitos benefícios, num sei o que... e aquelas pessoas daquela época, cederam, e depois que... eram sete metros de estrada, sete metros, eles cederam esses sete metros e veio o primeiro pico, veio o segundo pico, roçaram, os negros mesmos, nossos antepassados fizeram essa estrada.

(Libânio Pires, 2019)

Tem um relato interessante do companheiro de luta do território São João da Mata do município de Anajatuba, seu Ezequiel, que ele fala que os territórios se comunicavam um com o outro através das manifestações culturais. Eu, que moro aqui em Santa Rosa, ia pra Mata tocar tambor, quem morava na Mata vinha pra Santa Rosa e as festividades, o bumba boi, todo esse processo de ida e vinda, e quando se passa esse empre-endimento se tira esse fluxo do ir e do vir e a BR ela passa bem onde se tinha, se tinha não, onde se tem as festividades do Divino Espírito Santo dentro do território. Então todo esse processo da festa, ela é margiada, não diria mais margiada, mas atravessada por essa BR né, então você dançando, brincando, se divertindo, fazendo sua obrigação, mas com um cuidado redobrado porque a qualquer hora pode vir um carro desgovernado, um motorista irresponsável e atropelar uma pessoa, matar uma pessoa.

(Joércio Pires da Silva, 2019)

É a BR-135, é a Ferrovia Carajás, a Ferrovia Transnordestina, Linhões de Energia, então tudo isso passou dentro do território que foi comprimido.

(Joércio Pires da Silva, 2019)



Joércio Pires da Silva, presidente da Associação dos Produtores Rurais Quilombolas de Santa Rosa dos Pretos. Foto: equipe de pesquisa, 2019

Dentro de Santa Rosa, a gente vive hoje num corredor, minha mãe costuma dizer que a gente vive num corredor da morte. Aqui era um território, era uma fazenda, uma área de lavoura da fazenda Santa Rosa, era onde tinha um barão chamado Joaquim Raimundo Nunes Belfort, que deixou de herança pra um filho que ele teve com uma escravizada, com a América Henriques e o nome do filho dele era Américo, então ele deixou esse território de herança para o Américo e pros pretos que serviram como escravos, que foram escravizados, melhor dizendo, mas é



Antigo cemitério na comunidade quilombola de Barreiras, Território de Santa Rosa dos Pretos, onde estão enterrados antigos escravizados. Foto: Joércio Pires da Silva, 2020.

interessante, uma discussão que se tem hoje é como que esse barão deixou esse território de herança, quem deu essa terra pra esse barão? É um questionamento que se faz, mas independentemente de qualquer coisa é... se vivia dentro do território harmoniosamente até se perder o domínio desse documento que se tinha, então a partir do final da década de 40, 49, 50, 52 é... quando se perde esse território, começaram a invasão de terra por parte de fazendeiros e empreendimento. O primeiro empreendimento que se passa é a BR-135, se faz o pico da BR e a partir dessa BR vem-se outros empreendimentos, ferrovias, linhas de energia. E é interessante pensar que se tinha dentro do território sete famílias de escravizados e hoje o território é composto por cerca de 800 famílias, então 4 mil pessoas, você imagina que o território, ao mesmo tempo que a população cresceu imensamente, é um território diminuído por conta desses empreendimentos, então você vai pensar as formas lógicas de trabalho, porque esses empreendimentos, trago o linha da Eletronorte, ele passou onde era a área de lavoura, onde a pessoa fazia a roça, fazia a produção do arroz, do milho, do feijão, então se perde essas áreas pra esses empreendimentos e tem uns que passa empreendimento, mas em determinado quilômetro ou metro não se pode é... fazer a roça, por conta de... se perde mesmo a produção, então ficou muito difícil.

(Joércio Pires da Silva, 2019)

Dessas estradas ninguém tem nada, tanta estrada que tem e ninguém tem nada dado por essas estradas, acabaram foi com os centros de lavoura onde nós trabalhava, por onde nós tinha as coisas, por onde nós comprava nossa roupa, comprava nossa... tudo, eles acabaram com tudo isso e sem retornar a nada.

(Libânio Pires, 2019)



Final da oficina de mapas. Foto: equipe de pesquisa

Associação dos Produtores Rurais Quilombolas de Santa Rosa dos Pretos

Endereço: Território quilombo Santa Rosa dos Pretos, quilombo Santa Rosa dos Pretos br 135 km 88. Itapecuru Mirim-Ma.

Contato: Joercio (+55 98) 9 8523-7861

BOLETINS INFORMATIVOS PUBLICADOS

- 1 - INDÍGENAS GAMELA NO CERRADO PIAUIENSE
- 2 - RIBEIRINHOS, PESCADORES E PESCADORAS DO VILAR E MOJU NA ILHA XINGU-PAE SANTO AFONSO: TERRITÓRIO E RESISTÊNCIA DE NOSSAS ORIGENS
- 3 - POVOS TRADICIONAIS INDÍGENAS DO VALE DO JAVARI
- 4 - CARTOGRAFIA SOCIAL DO BAIXO TOCANTINS ATÉ SUA FOZ NO RIO PARÁ, AO SUL DA ILHA DE MARAJÓ: POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS NA ROTA DOS GRANDES EMPREENDIMENTOS, NO PARÁ
- 5 - GUERRA NO TERRITÓRIO DO CONDE: COMUNIDADES TRADICIONAIS, MIGRANTES, ESTADO E EMPRESAS NA DISPUTA TERRITORIAL
- 6 - TRABALHADORES DA AGRICULTURA FAMILIAR: ACAMPADOS OPRIMIDOS PELA MINERAÇÃO EM CANAÃ DOS CARAJÁS
- 7 - PESCADORES E RIBEIRINHOS SUDESTE O PARÁ
- 8 - RAÍZES E LUTAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO JOAQUIM
- 9 - COMUNIDADE GERAIZEIRA PINDAÍBA - MG
- 10 - CARTOGRAFIA SOCIAL DE PARACATU DE BAIXO, MARIANA (MG)
- 11 - POVO OMÀGUA KAMBEBA: MOBILIZAÇÃO POLÍTICA E RESISTÊNCIA NOS TERRITÓRIOS INDÍGENAS DO ALTO SOLIMÕES
- 12 - QUILOMBOLAS, PESCADORES, RIBEIRINHOS E EXTRATIVISTAS SOB EFEITOS SOCIAIS E AMBIENTAIS DA UHE -TUCURUÍ E AMEAÇADOS PELOS PROJETOS DA HIDROVIA DO TOCANTINS-ARAGUAIA
- 13 - POVOS TIKUNA E KOKAMA DE BENJAMIM CONSTANT (AM) – MOVIMENTO PELA DEMARÇÃO DA TERRA TRADICIONALMENTE OCUPADA
- 14 - TERRITÓRIO QUILOMBOLA DE SANTA ROSA DOS PRETOS: CONFLITOS COM A DUPLICAÇÃO DA BR 135 EM ITAPECURU MIRIM-MA.
- 15 - VILA FÉ EM DEUS, PEDREIRAS, VIOLAS, CARIONGO E SANTANA SÃO PATRÍCIO (SANTA RITA) E OITEIRO DOS NOGUEIRAS (ITAPECURU MIRIM)-MA: TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS INTRUSADOS PELA DUPLICAÇÃO DA BR 135
- 16 - PESCADORES DE TUTÓIA E PAULINHO NEVES: CONFLITOS ÉTNICOS E DEVASTAÇÕES PROVOCADAS PELA IMPLANTAÇÃO DE PARQUES EÓLICOS NO MARANHÃO.

Realização:

Associação dos Produtores
Rurais Quilombolas de
Santa Rosa dos Pretos

Financiamento:



Climate and
Land Use Alliance

Apoio:



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO

PPGCSPA

Programa de Pós-Graduação
em Cartografia Social
e Política da Amazônia

PNCSA
Projeto Nova Cartografia
Social da Amazônia

GEDMMA
Grupo de Estudos: Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente